

NARRATIVAS DE ESTUDANTES EM CONTEXTO DE PESQUISA: PROVOCAÇÕES PARA PENSAR RELAÇÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADES E EDUCAÇÃO

Anderson Ferrari¹
Roney Polato de Castro²

Resumo: O texto foi produzido com uma pesquisa que vem buscando problematizar a formação docente a partir das narrativas de estudantes dos cursos de Pedagogia e História no que diz respeito às relações entre cultura visual, formação docente, currículo e educação. Neste texto vamos trabalhar com as escritas produzidas por estudantes tomando-as como fluxos entre outros fluxos, como modos de expressar e produzir relações. As escritas dizem das relações com as questões de gênero e sexualidades nas escolas e na formação inicial. Pensamos com essas escritas nas formações e nos desafios para as escolas no que tange às relações de gênero e sexualidades. Escritas em contexto de pesquisa que possibilitam pensar a produção de si e do mundo.

Palavras-chave: Problematização; escrita; pesquisa; formação inicial.

Iniciando a escrita

Este texto foi produzido a partir de uma pesquisa que vem buscando problematizar a formação docente a partir das narrativas de estudantes dos cursos de Pedagogia e História, sobretudo no que diz respeito à relação entre cultura visual, formação docente, currículo e educação. Ao falarem do curso estão exercitando uma narrativa de si, que nos possibilita escrever sobre eles e elas, sobre seus processos de formação docente, sobre os cursos. Suas narrativas e nossas escritas colocam em circulação a relação entre narrativa, poder e saber na medida em que nos debruçamos para colocar sob suspeita os saberes que estão contidos nas práticas discursivas, nas relações de poder que estão atravessando e são mostradas pelas narrativas e que vão constituindo os sujeitos.

No conjunto de narrativas que nos foram apresentadas queremos tomar a singularidade do sujeito, na sua relação consigo mesmo e com o outro. Mais do que isso queremos problematizar o ato de fazer pesquisa e de escrever como envolvidos nesta relação entre narrativas de si e o outro. Para isso vamos tomar a escrita na perspectiva de Deleuze (2000), entendida como um fluxo entre outros fluxos, um corpo entre outros corpos. Escrever é entrar em contato com o outro, de maneira que alguma coisa em mim se mexa, afete o outro num movimento de mão dupla. Escrever também é se afetar pelo outro. A escrita assim não é somente um código, mas diz deste fluxo. Fluxos de narrativas, de ação, de erotismo. A escrita assim, se torna um corpo – o corpo de escrito – um corpo real que intervém na realidade, sobretudo em se tratando de uma pesquisa que tem como problemática de investigação a formação a partir das imagens.

Dessa forma, a pesquisa colocou um desafio para as escolas (e para os/as professoras/es) que passa pela formação docente e o currículo, entendendo que a sociedade imagética nos impõe um trabalho com a cultura visual como um campo de saber que diz dos sujeitos. Para este texto em especial, vamos trabalhar com os dados produzidos a partir de um questionário desenvolvido com estudantes dos sétimos e oitavos períodos da Licenciatura em História. Um questionário respondido por cinquenta estudantes e dividido em duas partes: questões sobre a

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, Grupo de estudos e pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade (GESED). E-mail: aferrari13@globocom.com.

² Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, Grupo de estudos e pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade (GESED). E-mail: polatojf@yahoo.com.br.

formação antes da graduação e sobre a formação na graduação. Nessas duas partes queremos operar com duas questões que diziam do trabalho das escolas e da universidade com as relações de gênero e sexualidades. São elas: “Em algum momento os/as seus/suas professores/as de História dos Ensinos Fundamental e Médio vincularam o trabalho da História com as relações de gênero e sexualidade? Em que momento?” e “Em algum momento os/as seus/suas professores/as de História da graduação vincularam o trabalho da História com as relações de gênero e sexualidade? Em que momento?”.

Relações de gênero e sexualidades na formação escolar

Dentre cinquenta questionários respondidos, somente cinco estudantes identificaram algum trabalho com as relações de gênero e com as sexualidades enquanto estavam na escola. O restante respondeu a questão de maneira negativa. Não somente não reconheciam esse trabalho, mas não detalhavam as respostas, se limitando a utilizar expressões curtas, como “*não*”, “*nem pensar*”, “*não que eu me lembre*”, “*dentro de sala de aula nunca houve esta discussão*”. Três das respostas negativas desenvolveram mais seus apontamentos, o que nos possibilita vislumbrar o espaço destinado às discussões de relações de gênero e sexualidades nas escolas. Dizem elas:

“Não que eu me lembre. Estudei em um colégio muito conservador”.

“Nunca. Só fui ouvir falar disso na universidade. Sexualidade era domínio da Biologia”.

“Esse assunto pouco era abordado, era tido como um tabu em sala de aula”.

Um colégio conservador, o domínio da Biologia, um tabu. Três aspectos que definem o trabalho com as relações de gênero e sexualidades nas escolas. A escrita dessas/as estudantes faz pensar que o trabalho com essas questões e as diferentes posturas diante delas estarão vinculados ao tipo de escola a que nos referimos – uma escola mais conservadora, mais de vanguarda, confessional, laica, privada, pública. Embora as escritas nos encaminhem para uma negatividade – “*Nunca*”, “*Não*”, “*Nem pensar*” – pensamos que há sempre possibilidades de resistências, de buscar brechas para a discussão, sobretudo tomando a perspectiva de Joan Scott (1995), que argumenta que as construções de gênero estão presentes nos múltiplos contextos em que habitamos. O ensino de História é um desses contextos. Podemos dizer que, o “*Nunca*” e o “*Não que eu me lembre*” são escritas que remetem à experiência com o ensino de História, na qual a visibilidade das construções das relações de gênero e sexualidades não foi possível.

Outro aspecto a ser considerado é a Biologia como “domínio” das relações de gênero e sexualidade. Nesse caso, a escrita é afirmativa de uma experiência em que as temáticas inserem-se nos conteúdos programáticos, nos livros didáticos. Narrativa que diz de um “domínio” – sexualidades e relações de gênero dominadas pelo biológico, centrada na discussão dos hormônios, das modificações no corpo, sem um olhar para os desejos, as atrações, para a vinculação com o social, com as experiências das sexualidades e das relações de gênero.

Não queremos ficar na acusação de que nada se faz nas escolas. Não queremos ficar no “*Nunca*” e no “*Não*”. Argumentamos que as escolas trabalham com as relações de gênero e sexualidades, mas isso não significa um trabalho deliberado, organizado. As relações de gênero e sexualidades estão presentes cotidianamente nas salas de aula, seja nas relações com os/as estudantes, nas piadas, apelidos, brincadeiras, atrações, agressões, aproximações, enfim, uma infinidade de possibilidades que também passa pela relação com as disciplinas e conteúdos.

Neste sentido, encontramos escritas que dizem de um trabalho organizado pelos/as professores/as de História:

“Assunto tocado muito superficialmente. Apenas em momentos específicos da disciplina como na Idade Média e sua repressão sexual”.

“Somente com a reprodução de modelos. Havia um programa na escola, se não me engano era um programa do Estado sobre educação sexual e sexualidade aberto para inscrições”.

“Lembro de um trabalho interdisciplinar com a temática da beleza que buscava trabalhar com o gênero, mas teve como resultado apenas o olhar exterior da temática”.

“Em poucos momentos. Só me recordo de ter acesso a esta temática no terceiro ano do Ensino Médio, que apenas trabalhou de forma bem restrita a emergência do movimento feminista. Acredito que esta pouca ênfase se deu ao fato do colégio estar vinculado a uma forte tradição religiosa”.

As escritas remetem a memórias que contêm lembranças e esquecimentos. O que se lembra? Rastros de trabalhos e abordagens das sexualidades e das relações de gênero desenvolvidos por professoras e professores de História. Uma escrita que diz de limitações – *“assunto tocado superficialmente”*, *“só tive no ensino fundamental”*, *“somente com a reprodução de modelos”*, *“apenas o olhar exterior da temática”*, *“em poucos momentos”*, *“apenas trabalhou de forma bem restrita”*. Essas/es estudantes produzem escritas que remetem às experiências vividas, que tomam outros significados no presente. As limitações aparecem a partir de compreensões que vem sendo construídas na formação universitária. Limitações que podem ser pensadas como resistências, como microliberdades articuladas nos cotidianos escolares, nos fluxos de forças que compõem esses cotidianos. Uma escrita que poderia ser lida como *“apesar das limitações, algo aconteceu”*. Algo acontece. Relações de gênero e sexualidades estão nas relações, nos corpos, nas experiências que circulam pelas escolas. As escritas das/os estudantes nos fazem pensar nos modos como essas questões aparecem no ensino de História e nas possibilidades de remexer as noções tradicionais de conhecimento e de conteúdos válidos, legitimados nas salas de aula.

Relações de gênero e sexualidades na formação inicial

Processos de formação: da escola à universidade vamos nos constituindo sujeitos docentes, entremeando imagens e memórias da docência vividas nas escolas com experiências outras, que implicam a problematização dessas imagens e memórias e vão produzindo modos de ser docente. A formação inicial, nas universidades, parece investir pouco na problematização, deixando de colocar sob suspeita modelos de escola, de educação e de docência. Tampouco parecem investir na discussão das questões que envolvem relações de gênero e sexualidades. Nos questionários, apenas oito estudantes responderam que vivenciaram algum momento no curso de graduação em que foram abordadas relações de gênero e sexualidades:

“Sim, no momento em que os mesmos possibilitaram através de suas aulas expositivas uma ampla discussão sobre o tema abordado, fazendo também a análise de imagens que é muito presente no curso de História”.

“Alguns textos sobre feminismo e mulheres na História, de forma pontual. Os grupos de pesquisa sempre são os grandes espaços de discussão, produção e criação. Se forem esperar iniciativas do Departamento de História, esperamos sentados”.

“Os momentos mais observados foram nas obras históricas e sua demonstração da sexualidade do período e também em alguns momentos em uma temática mais atual em referência com algum acontecimento histórico”.

As escritas dessas/es estudantes nos conduzem aos desafios da formação inicial. Escritas que anunciam uma formação que se encaminha para pensar relações de gênero e sexualidades. Ao mesmo tempo, as escritas denunciam certos modos de produção das experiências históricas de gênero. São momentos pontuais, em geral provocados por docentes cujo investimento pessoal de pesquisa e discussão é para essas temáticas, que tratam de rupturas com as histórias construídas. Parece-nos que a formação inicial em História ainda investe em uma história ‘masculina’, na qual o homem é o sujeito histórico. Uma história que reserva poucos momentos em que as mulheres são alçadas a esta categoria, quase como uma exceção. As escritas dizem das proposições feministas que perturbam esse modo de fazer história, vinculadas a algumas disciplinas, grupos de pesquisa ou temas específicos discutidos em algum momento do curso. Escritas que anunciam relações de poder no que tange ao campo de conhecimento da História, ao campo de conhecimento das relações de gênero e à proposta de formação constituída no Departamento de História.

Questões que surgem da escrita: formar para os desafios e aprendizados do dia a dia? Formar para as relações de gênero e sexualidades? Que formação para os desafios e aprendizados do dia a dia? Que conteúdos nessa formação? Entre palestras e salas de aula, entre livros e cotidianos escolares, produz-se uma formação em História que mais engessa do que movimenta as ideias? Tensões: formação inicial no curso de História e formação inicial vivida na Faculdade de Educação. Formações distintas? Encontros e desencontros. Na Faculdade de Educação alguma discussão das relações de gênero e sexualidades. Como se essas questões fossem exclusivamente da escola. Como se educação fosse exclusivamente da escola. Como se fosse atribuição exclusiva da “formação pedagógica” discutir essas questões. Como Abismos entre os conteúdos de História e o ensino de História? Abismos entre a formação em História e as relações de gênero e sexualidades? Formações que construam pontes, que possibilitem relações, aproximações, que possibilitem contemplar os abismos e problematizá-los. Pensar, a partir das escritas das/os estudantes, que relações de gênero e sexualidades são construídas na História, pela História, atravessam os conteúdos de História e podem ser categorias úteis de análise histórica, como aponta Scott (1995).

Referências

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2000.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, n. 20, v. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.